

Gestão fez reformas profundas e provocou polêmicas

Fim da repetência e separação entre alunos do primeiro e segundo ciclos foram impopulares

GABRIELA ATHIAS

A permanência de Rose Neubauer na Secretaria da Educação mostra que as reformas feitas na rede educacional paulista – alvo de críticas por parte de segmentos importantes da sociedade, como sindicatos e organizações não-governamentais – ga-

nharam força com o governador Mário Covas e serão consolidadas nos próximos quatro anos.

As duas medidas consideradas mais polêmicas foram o fim da repetência e a separação, em escolas diferentes, de alunos do ensino fundamental e médio. O resultado é que muitos desses projetos acabaram tornando-se sinônimo de impopularidade para a comunidade escolar, formada por 6 milhões de alunos, seus pais e 238 mil professores.

Se, de um lado, Rose Neubauer não discute os destinos da educa-

ção paulista com os setores mobilizados, como gostaria o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), de outro, ela criou ferramentas que possibilitam a análise da rede.

A Coordenadoria de Ensino da Grande São Paulo (Cogesp) acompanha o desempenho dos alunos com um nível de detalhamento impressionante para a maior rede pública do País. É possível controlar a performance mensal dos alunos de qualquer uma das delegacias de ensino da região metropolitana ou do interior. A secretaria também

adotou um sistema de avaliação externa, o Saresp, capaz de mostrar que a qualidade do ensino deixa a desejar. Os professores continuam lutando por melhores salários, mas, pela primeira vez, têm um plano de carreira.

Rose agiu afinada com o Ministério da Educação (MEC) – que também criou um sólido banco de dados, um sistema de avaliação externo e recomendou a escola de jovens. O MEC e a secretaria são tão próximos que lhes cabe a mesma observação: ambos permanecem distantes da comunidade.